

GOTAS DE TEORIA: O CONTO E A CRÔNICA

Eliane Maria de Oliveira Giacón (UEMS)
giaconeliane@uems.br

RESUMO

O conto e a crônica são gêneros, que por mais que sejam estudados, ainda se constituem um ponto a ser revisto nos estudos de teoria literária. De uma forma geral, esta palestra pretende estudar estes dois gêneros, a partir de sua origem e de sua forma. A explanação dos gêneros passa pela história, a estrutura e por fim o texto se apresenta como sendo uma contribuição para os acadêmicos de letras.

Palavras-chave: Teoria. Conto. Crônica. Gênero textual. História.

1. Introdução

Os textos são divididos em prosa e em verso. Os, em verso, seguem uma estrutura específica com números de versos, escansão, metrificção tipos de rimas e várias estruturas que serão estudadas mais adiante. Os textos em prosa também possuem uma estrutura específica: personagens, enredo, tempo, espaço, narrador, e os outros elementos identificadores, que os classificam nessa tipologia. Há vários tipos de textos em verso como, por exemplo, o soneto, a elegia, a ode, o poema, o rondó, enfim variações criadas pelos poetas como formas de expressar o seu tempo. O setor da prosa também possui uma gama de manifestações que vão desde os bilhetes até as teses científicas. A teoria da literatura se detém na tipologia referente à ficção. Dentro do universo ficcional a crônica, o conto, a novela e o romance são os que mais exemplificam a estrutura da narrativa e são construídos a fim de representar a imaginação e a arte dos prosadores.

2. Crônica

A palavra crônica no *Minidicionário Aurélio* significa “1. Narração histórica, por ordem cronológica. 2. Pequeno conto, de enredo indeterminado. 3. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal”. (p. 195). Tomemos o significado um e iniciemos a concepção mitológica da raiz da palavra crônica. A palavra crônica vem do grego *chronikós* (relativo ao tempo), que passou para o latim como *chronicu*, cujo sentido original é cronos (tempo).

Cronos, na mitologia grega, era filho de Urano (céu) e Gaia (terra). Ele destronou o seu pai e se casou com sua irmã Reia. Os pais de Cronos predisseram-lhe que um filho dele o destronaria. Cronos passa, então, a comer todos os seus filhos, logo que nascem até que Reia dá luz a Zeus. No lugar da criança, ela oferece ao marido uma pedra. Zeus cresce e embreda Cronos com uma droga que o faz vomitar todos os seus irmãos. Zeus e seus irmãos derrotam Cronos (o tempo). O cronista é um Zeus humano que arranca das entranhas do tempo os filhos (os fatos) que esse teima em devorar, salvando-os do esquecimento. Para realizar esse trabalho de Hércules, o cronista senta-se

diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca em sua imaginação uma fato qualquer, de preferência colhido do cotidiano matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. (MORAES, 1962, p. 9)

A crônica além de ser um fato jornalístico, também é narração histórica em ordem cronológica, logo a Carta de Pero Vaz de Caminha (1500), que relata a nova terra ao rei D. Manuel é uma exemplo dessa tipologia e o seu escritor se comporta “como um cronista no sentido atual da palavra – o de flagrador do tempo presente- na medida em que seu relato é contemporâneo dos acontecimentos que narra.” (BENDER & LAURITO, 1993, p. 12)

Ora veja Vossa Alteza se quem em tal inocência vive se converterá ou não, ensinando-lhes o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos assim perante eles beijar a Cruz, despedimo-nos e viemos comer.

Creio, Senhor, que como esses dois degredados ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíam desta nau no esquife, fugidos para a terra. Não vieram mais. E creio que ficarão aqui, porque de manhã prazendo a Deus, fazemos daqui nossa partida. (*Apud* BENDER & LAURITO, 1993, p. 13)

Este documento histórico é uma crônica, primeiramente por narrar fatos contemporâneos, segundo por esses estarem em ordem cronológica e terceiro porque há comentários do cronista, em várias partes, como que induzindo o leitor a vivenciar os fatos para que os mesmos não caiam no esquecimento.

O Brasil nasce sob a insígnia da crônica e essa frutificará, no século XIX, com o advento da imprensa. Nessa época surgiram os folhetins, que era um chamariz para os leitores comparem os jornais. O folhetim era um espaço livre no rodapé do jornal destinado a entreter o leitor em meio às notícias. Havia dois tipos de folhetins: o folhetim-romance,

no qual saíram, em capítulos, obras como *O Guarani* (1857) de José de Alencar. E esse tipo de folhetim vigora até a década de 50 do século XX, em revista como *Cruzeiro*. O outro tipo o folhetim-variedades deu origem ao gênero crônica, num espaço fora das páginas iniciais dos jornais, onde os fatos do cotidiano eram registrados e comentados. Vários escritores escreveram nessas seções, entre eles Machado de Assis e José de Alencar.

A crônica acompanhou a história da literatura brasileira passando pelo romantismo, realismo, pré-modernismo, modernismo e pós-modernismo. Ela encurta do realismo para o pré-modernismo e, nessa fase, os principais cronistas são João do Rio e Lima Barreto. O modernismo, após a Semana de Arte Moderna de 22 revela Alcântara Machado, que retrata a São Paulo dos imigrantes italianos. No pós-modernismo, um cronista por profissão é Rubem Braga, embora muitos outros sejam cronistas de domingo como é o caso de João Ubaldo Ribeiro, que, no jornal *O Globo*, para o tempo tanto retratando o cotidiano quanto fatos pessoais do cronista.

A teoria da crônica parte do pressuposto de que “um fato jornalístico, que detona o texto é mero pretexto” (BENDER, 1993, p. 44) para nas entrelinhas, o cronista, ajude “o *homem de rodapé*, não o general ou o presidente” (p. 45) a desnudar a realidade e ao mesmo tempo esse texto acaba sendo

a realidade que o leitor queria, ao mesmo tempo, o seu elemento transformador. (...) A crônica existe para o mísero mortal, ou seja, para nós homens menores(...), pois desperta a humanidade que há em nós e que as misérias do mundo tentam adormecer (*Idem*).

A estrutura da crônica se apoia em dois suportes, diretamente relacionados: o *fato* e seu respectivo *comentário*. A crônica resulta do equilíbrio entre esses dois componentes. O fato, real ou imaginário, e o comentário são considerações do cronista em linguagem coloquial. A circunstancialidade dos fatos comentados lhes dá o caráter efêmero, que é uma característica do jornal. As notícias de ontem não servem mais para o leitor, contudo muitas vezes são essas notícias que são resgatadas da barriga de Cronos e passam a figurar nas crônicas de algum cronista.

Para Cândida Vilares Gancho (1998) a crônica é um gênero híbrido que “nem sempre apresenta uma narrativa completa; uma crônica pode contar, comentar, descrever, analisar. De qualquer forma, as características distintas da crônica são: texto curto, leve, que geralmente aborda te-

mas do cotidiano. (p. 8)

Podem ser encontrados na crônica todos os recursos dos outros gêneros literários como as figuras de linguagem ou suspense, os personagens, o ambiente, o suspense... tudo o que é próprio do texto literário está nesse texto jornalístico, por isso ele é híbrido. Sendo um híbrido ele fascina tanto os leitores quanto aqueles que tentam propor uma teoria. Mas ele fascina muito mais os escritores, que se sentem livres para escrever o que quiserem e são “para os que não ousam ou não merecem tentar uma existência literária mais duradoura” (Fernando Sabino)

3. *Conto*

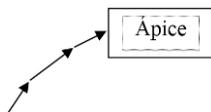
Existência duradoura é uma das características mais fortes do conto, pois “em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para transmissão de mitos e ritos tribais, em nossas mesas pessoas contam casos” (LIMA, 1985, p. 125), permeando a vida das pessoas e a literatura.

No Egito antigo figuraram *Os contos dos mágicos* por volta de 4000 a C. A Bíblia conta a história de Caim e Abel, que durante muitos anos figurou na memória coletiva do povo judeu, sendo escritos pó volta do ano 538 a C. Segundo Manguel (1997) o primeiro autor e escrever e cunhar o seu texto foi Enheduana, filha do rei Sargão, nascida em 2300 a. C. Oral ou escritos, os contos foram sendo mantidos como uma forma xamânica de interpretar a realidade e passar conhecimentos de uma geração a outras.

No século XIV, ocorre a transição do conto, que ganha registro escrito. O contador de histórias mantém duas características dos textos orais: a elaboração artística que mantém a atenção do leitor e o recurso das histórias de moldura unidas pelo fato de serem contadas de alguém para alguém.

Na história do conto há alguns que serão destacados: *Decameron* (1356) de Bocaccio, uma narrativa emoldurada que narra cem histórias contadas por dez jovens (7 senhoras e 3 rapazes) entre Florença e a Vila de Palmiere, durante dez dias cada um teria que contar dez histórias. Esses jovens estão fugindo de uma peste ocorrida na cidade de Florença na Itália. *Canterbury Tales* (1697) são contos escritos por Chaucer, que imitou Bocaccio reunindo trinta peregrinos que vão ao túmulo de São tomes de Canterbuury, nos subúrbios de Londres. Nessa caminhada, eles vão contando várias histórias.

Enumeraríamos muitos contos ou coletâneas, que figuram na história da literatura mundial e brasileira, mas a intenção nesse momento é coletar algumas referências sobre a teoria do conto, que Nádia Batella Gotlib (1991) em *Teoria do Conto* aborda o conto tem um efeito único de conseguir com um enredo curto conseguir um efeito máximo. Esse gênero condensa numa “narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tem tempo, espaço e reduzir o número de personagens.” (p. 8) Ele aborda qualquer tipo de tema obedecendo a quatro características básicas: monotemático, monofacético, monoclimático e objetivo. Um conto é monotemático, pois se concentra em um tema e não aceita encaixes secundários. É monofacético por focalizar apenas uma perspectiva sem a menor profundidade. Não se deve confundir monofacetismo com ponto de vista. O conto oferece apenas uma única faceta, mas vários pontos de vista. Um exemplo ocorre com o conto “A missa do galo” de Machado de Assis, que oferece apenas a face do rapaz e uma senhora de adulta conversando durante uma hora que antecede a missa do galo, contudo essa obra fornece vários pontos de vista, que serão, no século XX, utilizados por um grupo de escritores no livro *A Missa do Galo* (1985). Monoclimático é o conto por possuir um único clímax com tensão crescente ou ascendente, assumindo o seguinte esquema:



A forma narrativa do conto deve tender ao relato simples, puro e objetivo, buscando o contista não acrescentar dados pessoais à narrativa.

Alfredo Bosi, em *Conto Brasileiro Contemporâneo* (1977), cita Edgar Allan Poe, o inventor do conto policial contemporâneo, estudando as características desse gênero, que nos inspirou a fazer a com a seguinte receita para fazer um conto: construir um conto é inventar incidentes, combiná-los de tal forma que todas as palavras estejam em função de um designo preestabelecido pelo escritor. E por fim a primeira frase tende à exposição do *single effect* (efeito único), um recurso que cria expectativa por parte do leitor.

Criar um conto é uma arte, que faz com que os contadores sejam capazes de prender a atenção do leitor, por isso que aos contos, na antiguidade, funcionavam como fórmulas mágicas utilizadas pelos mestres ensinarem aos seus discípulos. Durante muito tempo, fábulas, parábolas e

novelas eram consideradas contos. Na atualidade, a teoria da literatura trabalha todos esses gêneros de forma distinta. Até mesmo o conto se subdivide em fantástico, terror, maravilhoso, policial etc. Essa divisão não será alvo deste estudo, contudo prosseguiremos no próximo capítulo com a novela e o romance.

4. Conclusão

Crônica e conto são dois gêneros distintos, pois o primeiro possui estreita ligação com a modernidade devido a sua vida estar ligada ao jornal. O jornal tem sua fase áurea no final do século XIX, que coincide com o início da modernidade. O conto, por sua vez, é a forma mais antiga de expressão do homem. Talvez o primeiro conto esteja ligado aos desenhos do *homo erectus* inscritos nas paredes das cavernas. Esses desenhos contam a história da humanidade, que nos faz saber como viviam esses homens há 1,6 milhão e 250.000 anos. E a vida do homem moderno, retratada nas crônicas, poderá ser estudada no futuro. Portanto, podemos concluir que embora distintos, esses dois gêneros são alvo de estudo da teoria da literatura, servem de entretenimento e dependendo da época histórica podem servir de fonte de informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDER, F.; LAURITO, I. *Crônica: história, teoria e prática*. São Paulo: Scipione, 1993.
- BOSI, A. *Conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1991.
- KENKSKI, R. Osso duro de roer. *Super Interessante*, São Paulo, agosto de 2002, n. 179.
- MANGUEL, A. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- MORAES, V. *Para viver um grande amor*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1962.
- ROMANINI, V. Bíblia passada a limpo. *Super Interessante*, São Paulo, julho de 2002, n. 178.